

APROVA
PEC 504

Riqueza presente, herança futura:

o vai e vem do Velho Chico
entre a Caatinga e o Cerrado



Riqueza presente, herança futura: o vai e vem do Velho Chico entre a Caatinga e o Cerrado




Se deixar fluir no vai e vem de Opará*, o elo entre o berço das águas e a terra fértil que ensina e faz brotar. Hoje é Velho Chico, onde moram os encantados, mãe do ouro negro d'água e Boitatá, quem afrontar o rio, o caboclo arranhará!

Pequi, mangaba, buriti, umbu, caju, o fruto faz prosperar. Da amêndoa faz o óleo, faz o leite, faz a cocada, faz o sabão. E do coco, da fruta inteira, a gente tira a casca que faz o carvão. Fortalecidos pelos ancestrais, nossos caminhos são como afluentes que vão desaguar.

A bênção das águas eles insistem em parar. As barragens retiram a vida e o espírito do “rio mar”. Enquanto tiver indígena, ribeirinho, quilombola, pescador, fundo e fecho, geraizeiro, vazanteiro, apanhadoras de flores e as diversas comunidades tradicionais, o povo do São Francisco, do Cerrado e Caatinga, irá preservar.

**Forma como os povos originários denominavam o Rio São Francisco.*

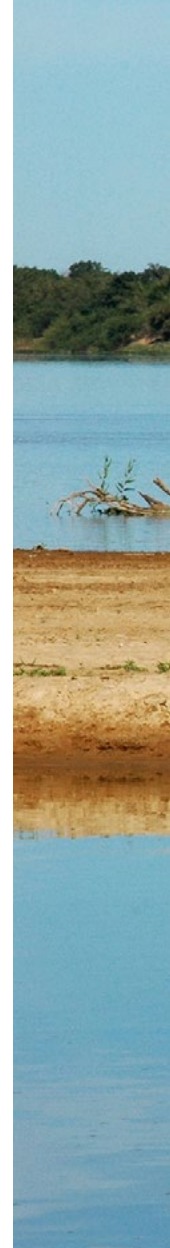



A exposição fotográfica “Riqueza presente, herança futura: o vai e vem do Velho Chico entre a Caatinga e o Cerrado” convida você a percorrer o caminho desses biomas fundamentais para a vida na Terra.

A sociobiodiversidade da Caatinga, única região ecológica exclusivamente brasileira, e do Cerrado, a savana mais biodiversa do planeta, são a base da garantia da soberania e segurança alimentar e nutricional no campo e na cidade.

É no Cerrado onde se encontram as principais nascentes do Rio São Francisco, além do Rio Parnaíba e do Rio Tocantins. E é o Velho Chico quem nos conduz até a Caatinga, por um caminho onde estão os povos que são os verdadeiros guardiões da flora e da fauna, onde encontramos a agroecologia e as práticas ancestrais de armazenamento, troca e cultivo de sementes. São os diversos povos dessas regiões que, de geração em geração, preservam o conhecimento profundo sobre os usos medicinais e alimentícios dessa rica biodiversidade, sem comprometer a existência dela.

Sem o Cerrado e a Caatinga não existem Amazônia, Pantanal e nenhum outro bioma; não existe possibilidade de frear a emergência climática. Sem a Caatinga e o Cerrado, não existe água e nem alimento saudável, não existe campo nem cidade: não existimos eu e nem você!





Rio São Francisco: o elo entre o berço das águas e a terra fértil

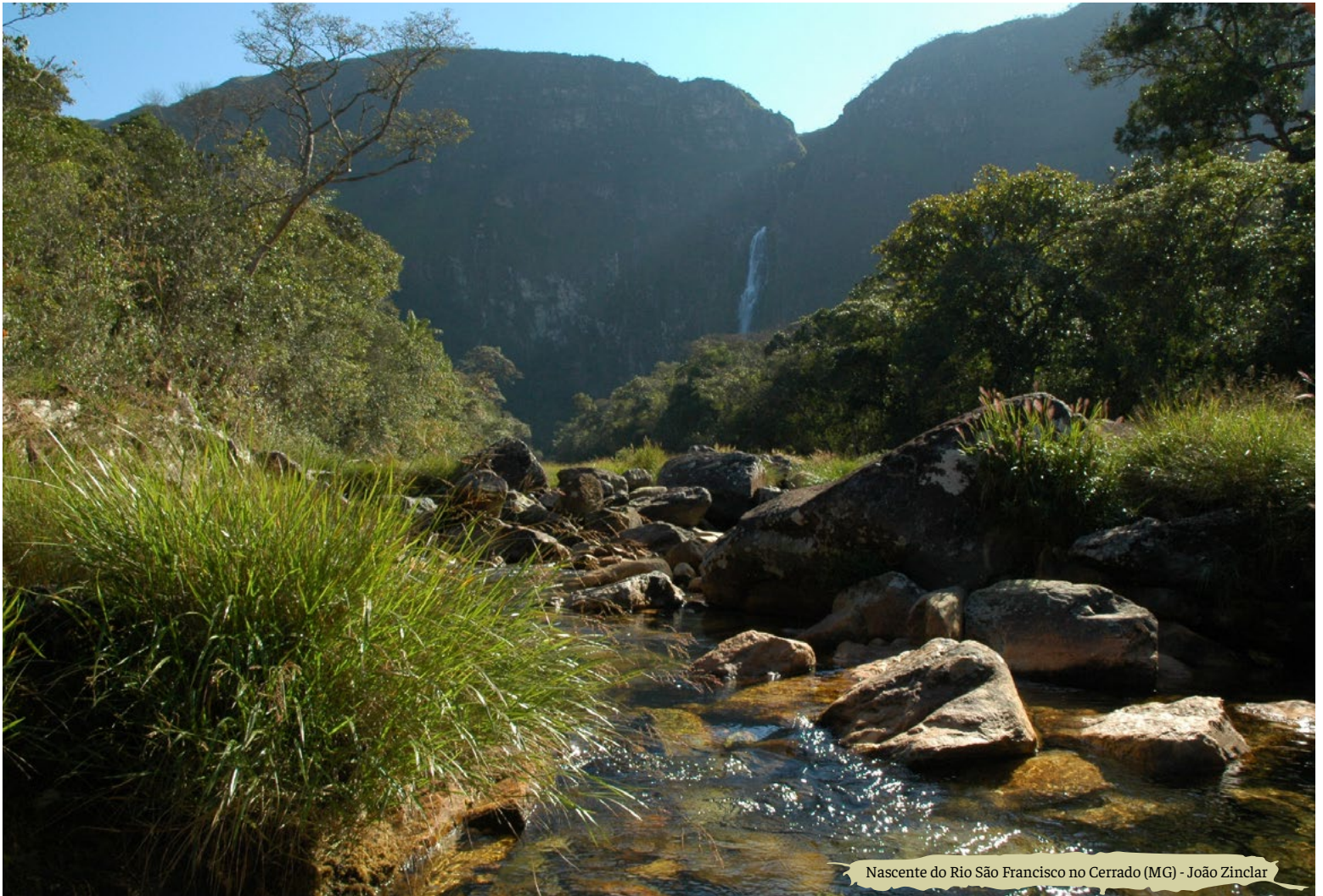


Opará nasce no Cerrado e perpassa seis estados brasileiros até a Caatinga. Rebatizado pelo invasor europeu em 4 de outubro, dia do santo que leva o mesmo nome, o São Francisco “vai bater no mei do mar”.

A relação íntima e ancestral com as suas águas oferece o que tem de mais valioso, de mais potência, de mais saúde. Comunidades inteiras vivem da pesca. Os pescadores do São Francisco estão em vários lugares, e em todos se aprende a pescar: o rio é a melhor universidade.

Antes se acordava “com a passarada, sem rádio e sem notícia das terra civilizada”. Hoje, a notícia que se gera é da energia do rio mar. Há quatro usinas hidrelétricas - Três Marias, Sobradinho, Luiz Gonzaga/Itaparica e Xingó - e o Complexo de Paulo Afonso no curso entre Minas Gerais e Pernambuco. O peixe diminuiu muito.

No rio São Francisco, a beleza da piracema pode ser bem observada nas corredeiras (grande concentração de pedras em uma parte do percurso do rio) entre os municípios de Pirapora e Buritizeiro em Minas Gerais, onde podia se ver a maestria das espécies saltando as pedras para seguir o seu percurso de subida do rio para a desova. Com a diminuição do volume das águas no ciclo chuvoso, a ocorrência deste fenômeno tem se tornado raro.



Nascente do Rio São Francisco no Cerrado (MG) - João Zinclar



Guarani Kaiowá em Laranjeira Nhanderu, Rio Brillhante (MS) - Thomas Bauer/CPT H3000



Rio São Francisco no Cerrado, Pirapora (MG) - João Zinclar

Cerrado: berço das águas, terra ancestral

O Cerrado foi o bioma brasileiro mais destruído por fogo na última década e é ele que abastece um total de oito bacias hidrográficas, sendo o berço das nossas águas. Entre campos limpos, cerradões e chapadões, a “mãe-palmeira”, como dizem as quebradeiras de coco, traz alimento e sustento para milhares de famílias, especialmente em toda a faixa de transição entre o Cerrado e a Amazônia. São assentados, muitos ainda estão na beira da estrada. São quilombolas, são indígenas, são pescadores, são agricultoras familiares. São comunidades ancestrais.

Se usa o fecho de pasto em duas épocas do ano: no início da chuva e no final da chuva. As pequenas propriedades nos vales dos rios precisam reforçar os capins que foram plantados no passado, para o capim nascer e criar.

O buriti, a mangaba, o cheiro forte do pequi ligado à fortaleza dos seus troncos fazem parte do “território da boniteza, das raízes profundas, da memória que conecta os Xakriabá com os povos Xavante e Xerente”.

Para cuidar da saúde de um filho, o conhecimento nasce com a avó benzedeira e raizeira. A mãe cuida com as plantas a vida toda. A ancestralidade lutou muito para chegar até aqui. Territórios de liberdade são “territorialidades repletas de significações próprias” e “plurais”. O resgate dessa memória é parte da luta por justiça e reparação.







Cipriano e Eliete, Vaquejador (MG) - Nilmar Lage



Vale do Jequitinhonha (MG) - Jaqueline Evangelista



Médio São Francisco, Quilombo Mangal Barro Vermelho, Sítio do Mato (BA) - João Zinclar





Serra da Canastra - João Zinclar



Produção de farinha no Cerrado – Nilmar Lage







Varzelândia (MG) - Ricardo Araújo



A caatinga ensina e faz brotar



Adentrar o semiárido brasileiro, conhecer e aprender. Em novembro, a paisagem é cinzenta, praticamente sem folhas. Mas basta chegar a primeira chuva que já há a rebrota. A resistência da vegetação nos ensina a remanejar, a segurar a água e a estocar nutrientes.

Aqui a chuva cai do céu durante três meses. Mas ao contrário do estigma da falta d'água, do solo rachado e da escassez de alimentos, os períodos de estiagem são fenômenos naturais da região. Ao longo do tempo, nossa gente foi construindo estratégias de convivência. O conhecimento popular mostra que a Caatinga é terra fértil onde a agricultura familiar se adapta com o armazenamento de água e sementes, produzindo alimento saudável em abundância para as pessoas do campo e da cidade.

Para quem vive na Caatinga, as consequências do desmatamento e da emergência climática têm mostrado que, se faltava chuva, pode faltar ainda mais. Se o sol já era forte, pode ser ainda mais. Mas, conviver com essa realidade não deixa ninguém de braços cruzados: as comunidades se multiplicam na luta em defesa das águas, da terra, das sementes crioulas.



São José do Campestre (RN) - Ricardo Araújo



Cariri (PB) - Ana Lira



Salitre, Juazeiro (BA) - William França





Rio Pardo de Minas (MG) - Leo Drumond



Esperança, Polo Borborema (PB) - Ana Lira







Verdes perspectivas em Palmeiras (BA) - William França



Baixo São Francisco, Borda da Mata (SE) - João Zinclar

Junte-se a nós na defesa do Cerrado e da Caatinga!



Dezenas de movimentos sociais, entidades e grupos de pesquisa, unidos aos povos e comunidades da Caatinga e do Cerrado, estão empenhados em uma campanha de coleta de assinaturas pela aprovação da Proposta de Emenda Constitucional número 504 de 2010, a PEC 504.

A PEC inclui na Constituição Federal a Caatinga e o Cerrado como patrimônios nacionais, como já acontece com a Amazônia e o Pantanal, por exemplo. Ao serem considerados patrimônios nacionais na Constituição, a utilização econômica dos bens naturais dessas regiões só pode ser realizada dentro de condições que assegurem sua proteção socioambiental.

Mais de meio milhão de pessoas já assinaram a petição pela aprovação da PEC 504. Ajude-nos a chegar a um milhão de assinaturas.

Assine a petição!
www.change.org/aprovapec504





FICHA TÉCNICA

Curadoria

Érica Daiane Costa, Gabrielle de Paula, Mariana Pontes, Morgana Damásio

Fotógrafas/os

Ana Lira, Jaqueline Evangelista, João Zinclar, Leo Drumond, Maurício Maia, Nilmar Lage, Ricardo Araújo, Thomas Bauer, William França

Texto

Gabrielle de Paula

Projeto Gráfico e Diagramação

Valéria Amorim
(Candiá Produções)

Identidade visual

Estúdio Massa

Projeto Expográfico

Thais Sampaio

Produção

Felipe Duran, Gabrielle de Paula, Mariana Pontes

REALIZAÇÃO:

SEM CERRADO
ÁGUA
VIDA
CAMPANHA NACIONAL EM
DEFESA DO CERRADO



APOIO:



IBIRAPITANGA

■■ HEINRICH BÖLL STIFTUNG
RIO DE JANEIRO
Brasil





change.org/aprovapec504

